



Elemar Kleber Favreto

Graduado (bacharel e licenciado) e mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Professor do curso de Filosofia e Vice-reitor da Universidade Estadual de Roraima - UERR. Rua Sete de Setembro, 231 - Canarinho - Boa Vista/RR. E-mail: elemar@uerr.edu.br

Editorial

O que é cuidar? Essa foi a primeira pergunta que me fiz quando me deparei com a pesquisa na área da Saúde e, mais precisamente, em Enfermagem, cujos profissionais comumente apontam o cuidado como a essência de suas práticas. É natural termos dúvidas sobre a atividade que exercemos ou sobre a pesquisa que realizamos, entretanto, esse questionamento sobre o conceito de cuidado possui aqui um caráter filosófico e epistemológico, tendo em vista o meu interesse em relacionar ambas as áreas.

A questão que aqui quero abordar, portanto, diz respeito ao próprio conceito de cuidado. De modo a buscar uma fundamentação que não sirva apenas para a aproximação entre a Filosofia e a área de Saúde, mas também para o desenvolvimento da própria prática do cuidado, não importando o profissional que a reivindique como sua.

Uma definição, que parece ser apropriada analisar inicialmente, é de que o cuidado é um ato que relaciona uma pessoa com outra, ou consigo mesmo, no sentido de auxiliar no desenvolvimento de determinadas capacidades ou no pleno desenvolvimento do ser humano (SIGNORETTE, 2002). Essa conceituação de cuidado amplia significativamente o campo de visão e atuação dos “profissionais do cuidado”, já que ele não deve perceber o seu ofício apenas de uma maneira técnica, mas principalmente de uma forma humanizada. O cuidado deve ser encarado como o próprio exercício de humanização, um processo de transformação e desenvolvimento do ser humano.

Nesse viés é que posso dizer que a relação entre Filosofia e Saúde é fundamental, tendo em vista que a Filosofia trata das questões que se direcionam à totalidade das coisas e, sendo o homem um dos entes capazes dar significado ao restante do mundo, torna-se o centro de sua própria significação e dos estudos filosóficos acerca da totalidade das coisas. A saúde do corpo e do espírito é, nesse aspecto, fundamental para que o humano possa seguir seu caminho na significação das coisas do mundo e de si mesmo. Portanto, o cuidado deve ser encarado não como um aparato técnico de alívio ou prevenção da dor, mas como um processo de desenvolvimento das capacidades humanas (de si e do outro), de modo a dar sustentação a todo esse movimento de significação de mundo pelo homem.

Além disso, a relação entre Filosofia e Saúde não é algo novo, ela já ocorre há muito tempo, pois desde Sócrates, que foi considerado por muitos um médico da alma, essa aproximação vem sendo desenvolvida e sustentada. Nesse aspecto é que quero evocar aqui o cuidado a partir de uma leitura grega, já que é essa perspectiva que melhor se encaixa no que aqui quero expressar como conceito de cuidado.

Um bom exemplo dessa leitura do cuidado foi dada pelo filósofo do helenismo Epicuro de Samos (341-270 a.C.), criador da escola epicurista, que seguiu de perto os ensinamentos de Sócrates. Segundo ele, a felicidade é a meta da vida humana, e deve ser caracterizada principalmente pela presença do prazer. Não a busca indiscriminada do prazer, o hedonismo, mas o prazer enquanto possibilidade de ausência da dor, a *ataraxia*, ou ainda a tranquilidade ou imperturbabilidade do espírito. Isso só é possível pela limitação dos desejos propiciada pela meditação filosófica.

É nesse sentido que se passou do modelo do sábio, que buscava unicamente um conhecimento teórico e abstrato, para o modelo do filósofo, que procura uma forma mais correta de viver, através da tranquilidade do espírito e da moderação (equilíbrio) dos desejos. O prazer é natural, entretanto, não deve ser buscado a qualquer custo, pois levam unicamente à satisfação dos desejos e não à tranquilidade do espírito.

Segundo Epicuro, a felicidade é o objetivo final do homem, devendo ela ser elencada como fim de todas as metas e ações humanas: “é necessário, portanto, **cuidar** das coisas que trazem a **felicidade**, já que, estando ela presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la” (EPICURO, 2002, p. 43, grifo nosso). Percebe-se aqui que o cuidado apontado por Epicuro é direcionado às coisas que trazem a felicidade, e sendo a felicidade aquilo que traz a tranquilidade do espírito, é necessário cuidar das coisas que levam à moderação do prazer, para que não o homem não seja escravo dos seus desejos. Nesse sentido, o conceito de cuidado pode ser pensado de uma maneira muito mais ampla, de modo que ele esteja ligado a todas as práticas do homem, envolvendo tanto a sua dimensão corporal, quanto espiritual (psicológica).

O cuidado, nessa perspectiva, não pertence unicamente à Enfermagem, ou à área de Saúde, mas a toda a atividade humana, seja ela qual for. Nesse sentido é que esse conceito converge à interpretação que Michel Foucault, filósofo francês (1926-1984), outorgou ao “cuidado de si”, principalmente nas suas interpretações sobre o conceito de liberdade na Grécia Antiga, onde ele identificou a liberdade ao trabalho consigo mesmo e com os outros. Assim, “o cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros, uma vez que esse êthos da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros” (FOUCAULT, 2004, p. 270). A liberdade é, portanto, para essa interpretação de Foucault, a própria expressão do cuidado, sendo não só uma atividade ética, mas também política, pois na Grécia Antiga não se distinguia uma coisa da outra. Logo, o “cuidado de si” já exprimia também um cuidado com o outro, possibilitando o melhoramento do gênero humano e o desenvolvimento de suas potencialidades.

Essa visão grega sobre o cuidado proporciona aqui uma reflexão sobre o “Eu” e sobre o mundo que o rodeia, possibilitando, nesse aspecto, uma relação do micro com o macro, pois, ao estabelecer o contato do “Eu” de cada um com a coletividade e com a natureza, mostra que a consciência e o comportamento (aquilo que é micro, pois faz parte deste “Eu”) são moldados a partir do mundo e dos outros (aquilo que é macro, pois faz parte do todo e da coletividade).

Espero que a abordagem do conceito de cuidado aqui exposta possa permitir que o leitor reflita sobre suas práticas, de modo a contribuir não só para o alargamento do conceito, mas também para o seu desenvolvimento como humano. Se o conceito de cuidado for tomado dessa maneira ampla, ele deverá ser encarado como uma tarefa de toda a sociedade e não só dos profissionais da área de saúde, garantido um melhor enfrentamento dos problemas de saúde pública, já que a própria saúde humana também será pensada num sentido mais amplo, facilitando a reforma das mentes e da sociedade.

REFERÊNCIAS

- EPICURO. Carta sobre a felicidade (a Menecceu). Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carro. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- FOUCAULT, M. Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos & Escritos, v. 5).
- GUATTARI, F. Revolução molecular: Pulsões políticas do desejo. Seleção, prefácio e tradução de Suely Belinha Rolnik. 2ª ed. São Paulo Brasiliense, 1985.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SIGNORETTE, A. E. R. S. et al. Educação e cuidado: dimensões afetiva e biológica constituem o binômio de atendimento. Revista do Professor. Porto Alegre, n. 72, p. 5-8, out./dez. 2002.